

O PROTAGONISMO DAS MULHERES ASSENTADAS DA REFORMA AGRÁRIA NO ESTADO DE SÃO PAULO POR MEIO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS

Eliana Gonçalves¹
Maria Luiza da Costa²

RESUMO

Este texto, elaborado pela Equipe de Valorização da Cidadania da Mulher na Reforma Agrária, criada pela Superintendência Regional do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA-SP, visa refletir sobre as ações realizadas pela Equipe, com o objetivo de incentivar as mulheres assentadas no estado de São Paulo a fortalecer seu protagonismo. As ações realizadas, que contaram com o apoio de outros setores do INCRA-SP, ocorrem desde agosto de 2007, data da criação da Equipe, e foram motivadas pela percepção de que há uma invisibilidade da mulher assentada da reforma agrária e de que o papel que ela desempenha no assentamento não é reconhecido. Foram identificadas situações vivenciadas por elas no seu dia a dia: na família, no lote, na comunidade e na sociedade como um todo e percebido que elas tem um enorme potencial organizativo, pois tem ideias, propostas e propósitos. Dessa maneira, o trabalho da Equipe possibilitou desenvolver uma metodologia com essas mulheres que partisse da sua realidade, das suas demandas. Ele foi executado com a realização de oficinas e reuniões, onde se buscou trabalhar a integração do grupo, a autoestima e a auto-organização para que elas, a partir da experiência com essas atividades, se sentissem fortalecidas, autônomas e protagonistas de sua própria história.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres Assentadas, Protagonismo, Invisibilidade, Potencial organizativo.

¹ Bacharel em Letras pela Universidade São Camilo. Assistente de Desenvolvimento Agrário / Equipe de Valorização da Cidadania da Mulher na Reforma Agrária do INCRA-SP / FEPAF. lia.convenio@spo.incra.gov.br

² Bacharel em Jornalismo pelo Instituto Metodista de Ensino Superior. Integrante da Equipe de Valorização da Cidadania da Mulher na Reforma Agrária do INCRA-SP / FEPAF, no período de 2007-2009. Assessora da Secretaria Nacional de Mulheres da CUT. luiza@cut.org.br

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa refletir sobre as ações da Equipe de Valorização da Cidadania da Mulher na Reforma Agrária, realizadas com as mulheres assentadas no estado de São Paulo.

As ações realizadas, que ocorrem desde agosto de 2007, data da criação da Equipe, foram motivadas pela percepção de que há uma invisibilidade da mulher assentada da reforma agrária e de que o papel que ela desempenha no assentamento não é reconhecido como trabalho. Embora o trabalho da Equipe prossiga, para este artigo consideramos as ações realizadas até dezembro de 2009.

Para tanto, buscou-se utilizar uma metodologia de trabalho que levasse em conta as experiências trazidas pelas mulheres e, a partir daí, identificar e analisar as situações vivenciadas por elas no seu dia a dia: na família, no lote, na comunidade e na sociedade como um todo.

Com a utilização de dinâmicas buscou-se incentivá-las a perceber enquanto sujeito social coletivo com propostas e propósitos e que organizadas podem mudar o mundo.

A EQUIPE DE VALORIZAÇÃO DA CIDADANIA DA MULHER NA REFORMA AGRÁRIA E A MULHER ASSENTADA NO ESTADO DE SÃO PAULO

A Superintendência Regional do INCRA em São Paulo constituiu uma Equipe para trabalhar exclusivamente com as mulheres assentadas no Estado.

A Equipe foi criada com os seguintes objetivos: contribuir para o fortalecimento dos direitos das assentadas e a inserção destas nas políticas públicas do programa de reforma agrária, promover ações afirmativas das mulheres, valorizar seus trabalhos, efetivar políticas de igualdade de direitos e garantir a participação equitativa nas decisões sobre seu lote. O trabalho inicial da Equipe foi elaborar um diagnóstico da situação das mulheres assentadas, que resultou em um seminário³ e em uma publicação⁴.

O diagnóstico mostrou, na época, que a mulher assentada tem um olhar para o coletivo, preocupa-se com a integração da comunidade e os problemas que afetam as pessoas que vivem no assentamento, tais como: saúde, educação e infraestrutura, mas apesar disso ela é invisível. Apesar das tarefas que realizam, muitas dessas mulheres não se identificam como trabalhadora rural, e sim como “do lar”. E tanto essas como as que se consideram agricultoras vêem o próprio trabalho na roça apenas como uma ajuda, e não como parte da produção do lote, da agricultura familiar.

“As atividades desenvolvidas pelas mulheres não são reconhecidas por uma estreita visão mercantil dominante, pois não são produtoras de renda monetária. (...)”⁵

“Estamos longe de reconhecer o lugar e a contribuição fundamental das mulheres para a viabilidade da agricultura familiar. A face pública é ainda dos homens, pois são eles que detêm a chave dos direitos e do acesso às políticas públicas fundamentais, tanto na reforma agrária, como no crédito do PRONAF ou na assistência técnica. Aliás, todas estas políticas são desenhadas para homens trabalhadores rurais.”⁶

³ O seminário Campo em Transformação aconteceu em março de 2008 e contou com a participação de mulheres de 12 grupos da região de Andradina

⁴ Campo em Transformação. Ações do INCRA-SP voltadas à promoção da cidadania da mulher assentada. Publicado em 2008 e apresentado, neste mesmo ano, no III Simpósio sobre Reforma Agrária e Assentamentos Rurais: O lugar dos assentamentos rurais: atores, territórios, rede de cooperação e conflito.

⁵ GRZYBOWSKI, Cândido. Mulheres e Agricultura Familiar. Fêmea, julho de 2001. p.9

⁶ Idem

Apesar de elas terem uma clara percepção das necessidades imediatas do assentamento e uma preocupação com o bem-estar da família, portanto, de questões primordiais para o desenvolvimento do lote e do assentamento, e de ações que considerem assentados e assentadas como parte de uma comunidade em formação, a maioria das mulheres não participa dos espaços de decisões como, por exemplo, as assembleias realizadas no assentamento que discutem produção, crédito, assistência técnica, entre outras coisas. Essas decisões ficam a cargo do homem, e nem sempre atendem às necessidades das assentadas.

A INVISIBILIDADE DA MULHER ASSENTADA NO ESTADO DE SÃO PAULO

Nosso texto é um olhar, a partir de certo ponto de vista, sobre o trabalho que realizamos junto às assentadas da região de Andradina⁷ e as percepções que tivemos dessas. Como mencionado anteriormente o trabalho das mulheres não é reconhecido como trabalho. É importante lembrar que na visão tradicional de mulher, o papel socialmente atribuído a ela é de mãe e dona de casa, como consequência a responsabilidade pela reprodução do viver é parte desse papel. Sua participação deve, portanto, centrar-se no âmbito privado, o que contribui para que além de ser desvalorizada, não tenha visibilidade.

De maneira simplificada estamos considerando como pessoas socialmente invisíveis aquelas que são vistas com preconceitos, tratadas com indiferença, portanto, suas opiniões, suas demandas, não são consideradas, não são ouvidas. Mas a invisibilidade pode ser também no sentido de que elas não têm existência legal, não tem documentos. Nas áreas rurais, em parceria com o Programa de Documentação da Trabalhadora Rural, já foram emitidos 1.255.473 documentos, sendo atendidas mais de 567.213 mil mulheres, em 2.166 mutirões (2004 a 2010).⁸

E isso é o que pudemos constatar nas ações que realizamos. Isso não significa que as mulheres aceitem passivamente essa condição.

⁷ Algumas atividades contaram com a participação de mulheres acampadas. Em algumas situações convidadas pelas assentadas, em outras por iniciativa própria.

⁸ Ações e programas do governo federal, maio e junho de 2010.

Autoras como Djacira Oliveira⁹ já falaram sobre a organização e a luta das trabalhadoras rurais, seu protagonismo e da importância que elas têm para a conquista da terra, e como isso ainda é insuficiente para torná-las visíveis socialmente.

Mas são justamente essas duas constatações que nos movem a, enquanto gestores públicos, ter uma ação que dialogue com essas mulheres e, ao mesmo tempo, articular com outras áreas do INCRA-SP alternativas reais, concretas, para que essa situação possa ser modificada, em consonância com um projeto geral do INCRA, de que reforma agrária é imprescindível para garantir o acesso aos direitos e o exercício da cidadania no meio rural, e que é necessário assegurá-la garantindo o direito à terra e a uma vida digna para cidadãos e cidadãs do campo.

A METODOLOGIA DE TRABALHO COM AS MULHERES NO ESTADO DE SÃO PAULO

A forma como fizemos isso partiu de um pressuposto metodológico, de uma visão, de uma forma de encarar as mulheres como cidadãs portadoras de direitos.

Para o INCRA a reforma agrária é uma política ampla, que vai além do acesso à terra. Parte da concepção de que a cidadania é conquistada com a construção de novas relações entre as pessoas e os entes públicos, o INCRA busca incorporar as ações de promoção da cidadania em todas as fases de execução da reforma agrária.

O papel do poder público tem um papel na construção de relações igualitárias no campo. Por exemplo, a questão de gênero faz parte da capacitação dos técnicos e técnicas, para que a participação da mulher assentada ocorra, efetivamente, em todas as decisões do assentamento.

A metodologia é mais que procedimentos, que métodos, é um olhar sobre o mundo. Um olhar de transformação ou de perpetuação. Por isso, é importante levar em conta tanto a realidade nacional quanto a conjuntura de cada estado ou região, bem como as demandas dos trabalhadores e trabalhadoras rurais e política pública a ser implantada.

A escolha dos procedimentos metodológicos se deu a partir do que objetivamos enquanto gestores públicos responsáveis pela implementação de políticas públicas,

⁹ OLIVEIRA, Djacira. Da invisibilidade na memória das lutas sociais ao protagonismo histórico das mulheres no campo.

respeitando o cotidiano das mulheres assentadas e a realidade na qual estão inseridas estabelecendo, assim, uma relação de diálogo.

Os procedimentos metodológicos constaram em:

- 1ª fase - Elaboração de diagnóstico construído a partir de entrevistas com lideranças dos movimentos sociais; entrevistas com assentadas; entrevistas com profissionais do Incra, do Itesp e da Delegacia da Mulher do município; realização do seminário "Campo em transformação" e da publicação da revista com o mesmo nome.

- 2ª fase - Oficinas e reuniões, onde se buscou trabalhar a integração do grupo, a autoestima e a auto-organização das mulheres para que elas, a partir da experiência com essas atividades, se sentissem fortalecidas, autônomas e protagonistas de sua própria história. É sobre essa fase que discorreremos nesse texto.

OFICINAS PARA INTEGRAÇÃO E FORTALECIMENTO DA ORGANIZAÇÃO DAS ASSENTADAS¹⁰

Denominamos oficinas, encontros com as mulheres assentadas, que tinham duração de, aproximadamente, três horas e aconteciam na área comunitária do assentamento.

Foram atividades realizadas com o objetivo de promover uma maior integração entre as participantes, contribuir para a autoestima das assentadas, saber como é o dia a dia dessas mulheres, quais as principais dificuldades e desafios a serem enfrentados e os avanços obtidos.

Também visaram debater formas de ação e organização para superar as dificuldades encontradas e proporcionar momentos para que elas pudessem refletir sobre o papel que desempenham na família, no lote, no assentamento e na região como um todo.

No período de 2007 a 2009 foram mais de 40 atividades¹¹, em 29 assentamentos, de três regiões; Andradina¹², Ribeirão Preto¹³ e Iaras¹⁴ e tiveram um total de, aproximadamente, 600 participantes.

¹⁰ Muitas das dinâmicas e técnicas utilizadas nas oficinas foram aprendidas ao longo da experiência profissional, pelas integrantes da Equipe, enquanto militantes feministas da SOF - Sempreviva Organização Feminista e, também, no caso da integrante Maria Luiza da Costa, como educadora popular da Escola São Paulo da CUT Nacional.

¹¹ Levando em consideração que na maioria dos assentamentos foram realizadas mais de uma atividade

Por meio dessas oficinas e reuniões a Equipe, que nessas atividades de campo contava com três componentes¹⁵ (com exceção da região de Ribeirão Preto, que foram duas), trabalhou com as mulheres assentadas os itens: apresentação e a levantamento de expectativas, autoestima, cotidiano, discussão sobre a construção social de gênero, linha do tempo, avanços e perspectivas e desafios. Que foram abordados da seguinte forma:

1. Apresentação e Expectativas

Nesta primeira parte da oficina as participantes, em círculo, se apresentavam. Diziam seu nome, de qual assentamento eram e qual a expectativa que tinham com relação a atividade que estava iniciando.

A dinâmica era feita com uma bola, elas escolhiam aleatoriamente uma participante no círculo e jogavam a bola, aquela que recebia fazia sua apresentação e jogava a bola para outra e assim por diante, até que todas se apresentassem.

Duas integrantes da Equipe participavam no círculo, coordenando a dinâmica, enquanto a outra anotava em uma lousa, quando havia, ou em papel *Kraft* as expectativas das participantes, que ficavam expostas até o final da atividade.

Objetivo: fazer uma apresentação das participantes; proporcionar uma melhor/maior integração entre elas; possibilitar que umas conhecessem as outras pelo nome, assentamento a qual pertenciam, o que faziam etc. e, conhecer suas expectativas com relação a atividade.

2. Autoestima

Após as apresentações as participantes, já de volta aos seus lugares, respondiam a pergunta: Se você fosse um bicho, qual seria? Por quê?

A essa pergunta respondia quem quisesse, tentava-se fazer com que todas respondessem, mas isso nem sempre acontecia, ou porque não conseguiam se identificar com nenhum bicho ou porque ficavam tímidas. Mas na maioria das oficinas quase todas participavam dessa parte, mesmo porque as que se mostravam tímidas, no início,

¹² 24 assentamentos em onze municípios.

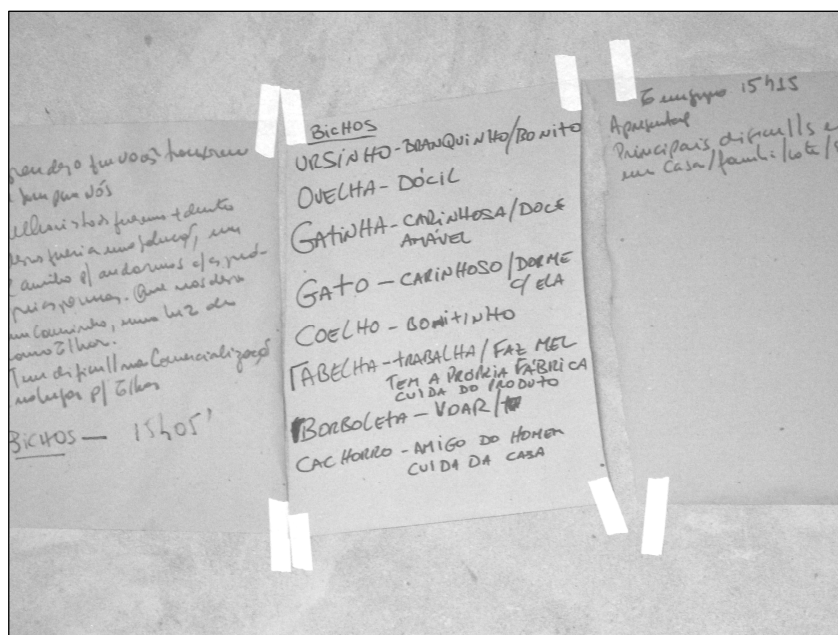
¹³ 4 assentamentos em dois municípios.

¹⁴ 1 assentamento.

¹⁵ Eliana Gonçalves, Maria Luiza da Costa e Maysa Mourão Miguel

acabavam relaxando e deixando-se envolver pela alegria e descontração das demais. Algumas diziam os bichos com os quais se identificavam, outras o que gostariam de ser. As respostas eram anotadas, e os bichos escolhidos eram separados por espécie.

Objetivo: identificar qual a percepção que as participantes tem delas mesmas. O que elas eram ou o que gostariam de ser. Obter elementos que caracterizam o perfil do grupo. Essa dinâmica é também uma forma de deixar as participantes mais descontraídas para as próximas atividades que eram feitas em grupos.



Assentamento Santo Antonio / Paulicéia
Foto: Equipe INCRA-SP

3. Cotidiano

Com os resultados da dinâmica dos bichos as participantes eram divididas em grupos, que escolhia uma relatora e uma expositora.

Feito isso, cada grupo recebia um papel com a seguinte pergunta: Que atividades vocês fazem de manhã, a tarde e a noite? e folhas de sulfite em branco para anotações.

Depois de um tempo para que discutissem e fizessem suas anotações, cada grupo fazia a exposição das respostas aos demais. Nesse momento ocorriam duas situações: as participantes se davam conta das inúmeras atividades que realizavam no dia a dia e ao mesmo tempo, ao socializarem a experiência, ficavam conhecendo a rotina de cada uma e o quanto isso, na maioria dos casos, era semelhante entre elas. Esse momento gerava

muita discussão e com grande frequência apresentava desdobramentos. Por exemplo, ao mencionar que levavam os filhos e filhas até o ônibus escolar, em geral, comentavam as precárias condições desse tipo de transporte.

Objetivo: conhecer a percepção que as participantes tem em relação ao trabalho na roça, ao trabalho doméstico, a relação familiar e a relação com a comunidade.



Oficina Assentamento Santo Dias / Ribeirão Preto
Foto: Equipe INCRA-SP

4. Exibição do vídeo: Gênero, Mentidas e Videotape¹⁶

O que é ser mulher? O que é ser homem? Essas perguntas são abordadas por esse vídeo por meio de uma família tradicional que ao fim do dia assiste TV em casa. São dois programas com abordagens bastante diferentes, os comerciais da TV e as relações no interior da família, ajudam a despertar a discussão sobre essas perguntas aparentemente tão simples.

Após a exibição do vídeo as mulheres, individualmente, respondiam a questão: O que chamou sua atenção no vídeo?

¹⁶ Esse vídeo, que foi produzido na década de 90 numa parceria entre a SOF – Sempre Viva Organização Feminista, o Inca – Instituto Cajamar e a TVT – TV dos Trabalhadores, teve apoio do Centro Internazionale Crocevia. Essa dinâmica não foi feita em todos os assentamentos, ou por falta de tempo, ou porque não havia equipamentos necessários para isso!

As respostas eram anotadas pela Equipe. Nessa parte da oficina TODAS participavam. Faziam intervenções, não só dando exemplos delas próprias, mas de vizinhas e conhecidas.

Objetivo: debater / discutir sobre o conceito de gênero e dialogar com as participantes sobre a importância da divisão sexual do trabalho e do papel que este tem na manutenção das relações de desigualdades entre mulheres e homens.



Assentamento Arizona / Andradina
Foto: Equipe INCRA-SP

5. Linha do Tempo - História e Luta das Mulheres

Essa parte da oficina consistia em que as participantes discutissem, novamente em grupo, e colocassem em um pedaço de papel (tarjeta) os momentos históricos dos quais elas participaram, ou não, mas que de alguma forma marcaram suas vidas, enquanto mulheres, assentadas ou cidadãs.

Enquanto elas faziam essa discussão, a Equipe estendia um “varal” com tarjetas, ou as colava na parede, onde estavam vários momentos de lutas e conquistas das mulheres ao longo da história como, por exemplo, a criação do Dia Internacional da Mulher; o direito das mulheres estudarem em ensino superior, o direito ao voto; a descoberta da pílula; e, também, nascimento e morte de algumas trabalhadoras rurais que foram e são lideranças como, Elisabete Teixeira; Roseli Nunes e Margarida Alves, e o surgimento

de alguns movimentos sociais, sindicais e partidos políticos, que tem entre os seus princípios a igualdade entre mulheres e homens.

Após as discussões, as tarjetas com o resultado das discussões dos grupos eram colocadas junto com os momentos da história que a Equipe já havia produzido.

Alguns dos momentos em que as participantes colocavam coincidiam com os que já estavam expostos, outros não como, por exemplo, a vida nos acampamentos, a conquista da terra, quando receberam a titularidade do lote, nascimento dos filhos no assentamento.

Objetivo: informar sobre alguns acontecimentos da história da organização e luta das mulheres que representam marcos da luta feminista; proporcionar uma discussão sobre o porquê esses momentos históricos, essas lutas e personalidades foram importantes e as conseqüências disso para a vida das mulheres.



Assentamento N.Sra.Aparecida II / Castilho
Foto: Equipe INCRA-SP

6. Avanços

Após a discussão anterior, as participantes, individualmente, respondiam as perguntas: Quais os principais avanços que vocês acham que as *mulheres* tiveram? Quais as principais conquistas que *vocês* tiveram?

As respostas eram anotadas e ficavam expostas para uma discussão sobre o que cada uma colocava. Muitas das respostas eram parecidas e, também, repetidas com algumas das respostas da dinâmica anterior.

É interessante observar que quando discutiram cotidiano apareciam uma série de problemas, de demandas e aqui, quando discutiram avanços começavam a listar uma série de conquistas que obtiveram e se davam conta do quanto haviam caminhado.

Objetivo: conhecer a percepção que elas tinham do quanto haviam avançado com suas lutas e as conquistas que obtiveram para suas vidas, na família e no assentamento.



Oficina Assentamento Nova Vila / Guaraçá
Foto: Equipe INCRA-SP

7. Perspectivas e Desafios

Retornando para o trabalho em grupo, as participantes recebiam nova tabela para responderem as perguntas: Quais as principais dificuldades enfrentadas e quais ações necessárias para superá-las. Na família, no lote e na comunidade?

Nesse trabalho, elas também escolhiam uma relatora e uma expositora, no grupo.

Após as discussões, cada grupo fazia a exposição de suas conclusões. A equipe anotava as observações em forma de tabela para melhor encaminhar as discussões. Em uma coluna colavam-se os problemas que apontavam e em outra as ações que propunham para superá-los.

Objetivo: fazer um levantamento de quais os problemas que elas enfrentam no âmbito da família, do lote e do assentamento como um todo; discutir com elas formas de organização que pudessem colocar em prática as ações que elas apontaram, isto é, como elas pensavam que as mulheres assentadas poderiam se organizar para superarem as dificuldades colocadas.



Assentamento Orlando Molina / Murutinga do Sul
Foto: Equipe INCRA-SP

8. Um exercício de sonho e organização

Depois de toda essa discussão fazíamos a propostas de que elas marcassem alguma reunião onde, somente entre elas, sem a presença de alguém do INCRA, pudessem responder à seguinte pergunta: Como fazer um assentamento com igualdade, participação e direitos para as mulheres?

9. Avaliação e Encerramento

Para essa parte da oficina tínhamos dois tipos de dinâmicas, a da bexiga e a do barbante, fazíamos uma das duas, geralmente em função do tempo que tínhamos.

Dinâmica da bexiga:

Cada participante recebe uma bexiga e um pedaço de papel. No papel ela escreve uma palavra que expressa sua avaliação da atividade do dia. Feito isso, ela coloca o papel dentro da bexiga, enche a bexiga e dá um nó, impossibilitando que a mesma esvazie.

Com uma música animada, de fundo, as participantes jogam as bexigas para o alto e tentam não as deixar cair. Durante essa “brincadeira” as integrantes da equipe vão tirando, aos poucos, as mulheres do jogo, de maneira que chega um momento em que tem poucas participantes para tentarem não deixar cair as bexigas, que continuam no mesmo número do início do jogo.

No final da atividade a equipe faz um rápido debate com as participantes sobre a importância da unidade e de um trabalho em conjunto, onde todas agem para o sucesso das lutas e as conquistas dos direitos.

A dinâmica possibilita perceber quem se preocupa somente em não deixar sua bexiga cair e quem, além disso, ajuda as outras companheiras a não deixarem as suas bexigas caírem também.

Após esse debate cada participante estoura uma bexiga e lê a avaliação que outra participante escreveu no papel que foi colocado dentro das bexigas que, depois da “brincadeira” foram misturadas.



Assentamento Hugo Herédia / Araçatuba
Foto: Equipe INCRA-SP

Dinâmica do barbante:

As participantes formam um círculo, uma integrante da equipe inicia a dinâmica dizendo, com uma palavra, o que achou da atividade do dia, em seguida joga uma bola de barbante para alguma componente do círculo, segurando uma ponta do barbante. Essa participante faz a mesma coisa, e assim por diante. De forma que no final todas tem um pedaço do barbante preso no dedo.

Ao final da dinâmica é perguntado às participantes que figura elas acham que se formou com o barbante, e o que elas acham que esta figura significa. As respostas são na maioria das vezes: se formou uma rede; ou uma estrela, ou vários triângulos, e seus significados são: união, harmonia, beleza.

Alguém da equipe, após as respostas, faz algumas observações encima disso como, por exemplo, no caso da rede, de que quanto mais pessoas participarem, juntas, do processo, menos buraco a rede teria, e poderiam “pescar mais peixes”.

Portanto, novamente a união é algo importante a ser ressaltado. Enfim, as próprias participantes começam a fazer comentários sobre o significado da palavra união.

Objetivo: conhecer o que a atividade significou para elas, como elas perceberam a oficina, o quanto isso influenciará a partir de então. E, também, para encerrar a atividade com ânimo e empolgação.



Assentamento Cachoeira / Itapura
Foto: Equipe INCRA-SP

OFICINAS COM TEMAS ESPECÍFICOS

1. Cooperativismo e Estratégias de Comercialização

Diante de uma demanda, que as assentadas tiraram nas atividades que a Equipe realizou, foram organizadas, também, oficinas sobre cooperativismo e sobre estratégias de comercialização. Para a realização dessas atividades a Equipe contou com o apoio de outros profissionais do INCRA-SP, especialistas nessas áreas.



Atividade sobre cooperativismo – INCRA-Andradina
Foto: Equipe INCRA-SP

2. Assentamento dos Sonhos

A oficina “O assentamento dos sonhos”, foi realizada em 12 assentamentos, também na região de Andradina. Nessas atividades as participantes, em grupos, desenhavam ou utilizavam recortes de jornais ou revistas para demonstrarem o que elas consideravam ser necessário para se ter o assentamento ideal.

Apareceram “sonhos” em diferentes áreas: saúde, educação, lazer, religião, esporte, infraestrutura. O que menos apareceu foram temas diretamente relacionados a melhoria de suas vidas enquanto mulheres, tais como divisão do trabalho doméstico, um serviço de atendimento à saúde da mulher.

A partir do que apareceu no sonho e também do trabalho realizado pela equipe de educação do INCRA-SP, essa atividade resultou em outra. Voltamos nesses mesmos assentamentos, com o tema da Educação. Essa oficina foi dividida em cinco momentos:

1. Introdução sobre o tema a ser abordado, uma explicação sobre porque escolhemos retornar priorizando um tema.
2. Identificação da situação do assentamento em relação a essa área: que serviços existem e quais são reivindicados. Quais as condições dos serviços existentes. Com as demandas apresentadas, era distribuído um quadro com as colunas “responsabilidades e ações” para elas preencherem. Isto é, para cada problema que apresentaram coletivamente discutiam de quem era a responsabilidade pela situação e as ações necessárias para superá-la.
3. Feito isso discutia-se nomes de pessoas que encaminhariam ações junto à comunidade, se era o caso, ou aos órgãos responsáveis¹⁷.
4. Depois desse exercício respondiam a pergunta: O que esperam do Inkra enquanto órgão público? Isso foi importante para que elas pudessem identificar o que são as responsabilidades do INCRA e as que são de outras esferas de governo.
5. Tarefa deixada pela Equipe na oficina anterior. A pergunta era: Como fazer um assentamento com igualdade, participação e direitos para as mulheres? E enfatizamos isso em relação à educação.

DA INVISIBILIDADE AO PROTAGONISMO

Após a realização das oficinas as assentadas, principalmente na região de Andradina, onde a Equipe iniciou seus trabalhos e realizou, até o momento, o maior número de atividades, tiveram várias ações que, do nosso ponto de vista contribuíram para que elas tenham visibilidade e protagonismo como, por exemplo, a criação do Movimento de Mulheres da Região de Andradina.

As assentadas se constituíram enquanto grupo com grande capacidade de mobilização e organização regional. Organizaram feiras de comercialização nos municípios da região, festas juninas, comemoração ao 8 de Março – Dia Internacional da Mulher e ao Dia das Mães, se reuniram com o Superintendente do INCRA-SP para discutir e entregarem uma pauta de reivindicações. Organizaram manifestações em

¹⁷ Após dois meses a Equipe voltou à região para reunião com essas pessoas e/ou comissões para saber o encaminhamento das tarefas que elas assumiram com relação ao tema Educação.

órgãos públicos por mais créditos e direitos (Banco do Brasil, escritórios regionais do Inbra e Itesp).



Atividade do 8 de março – 2009 / INCRA-Andradina
Foto: Arquivo INCRA-Andradina



Reunião com Superintendente – entrega da pauta de reivindicação
2008 - Assentamento Roseli Nunes / Itapura.
Fotos: Equipe INCRA-SP

E, se mobilizaram para organizar dois encontros regionais:

1. Encontro Regional de Mulheres em Luta pela Reforma Agrária e Soberania no Campo – 25 e 26 de julho de 2008 – no município de Andradina.¹⁸

Quase todos os assentamentos da região estavam representados em diversas comissões que contribuíram na organização do Encontro que contou com a presença de mais de 400 pessoas, entre assentadas; acampadas; autoridades regionais; políticos e ONG's.

Outro resultado importante do Encontro foi que a partir dele surgiram novos grupos organizados de mulheres da região. As assentadas presentes, ao tomarem conhecimento das experiências de outras companheiras, se sentiram estimuladas a formarem grupos e tiveram, durante a convivência nesses dois dias de evento, vários incentivos como, por exemplo, a troca de experiências e a possibilidade de intercâmbio entre os assentamentos, o que possibilitou uma “rede de comunicação” entre elas e, desde então, sempre que tem alguma atividade na região elas se comunicam e se mobilizam para participarem da atividade.



Encontro de Mulheres – 2008 / Andradina
Foto: Douglas Mansur

¹⁸ Vale ressaltar que a participação das mulheres no Seminário “Campo em Transformação: Ações do Inca-SP voltadas à Promoção da Cidadania da Mulher Assentada”, que ocorreu na sede do Inca, em São Paulo, em 2008, ocasião em que os grupos de mulheres assentadas tiveram a oportunidade de apresentar os projetos de geração de renda que estavam desenvolvendo na época, para os participantes presentes, mais de 80 pessoas, foi um importante estímulo para que elas realizassem essa atividade.

2. Encontro Regional de Mulheres “Por uma Política de Reforma Agrária e Desenvolvimento Rural Sustentável com Qualidade de Vida” – 5 e 6 de dezembro de 2009 – no município de Ilha Solteira.

Também contou com um número expressivo de participantes, mais de 500 pessoas. Em relação ao Encontro do ano passado, houve um acréscimo de 16% na participação de assentadas e acampadas e 30% no público em geral.

Porém a diferença com o Encontro passado não fica só na questão dos números, mas, principalmente, na questão da representatividade. Neste Encontro teve um maior número de Prefeitos, vice-prefeitos e vereadores da região. Deputados e deputadas estaduais e federais e vários partidos políticos.

Mas, a grande diferença mesmo com relação ao Encontro anterior é que as assentadas organizaram, praticamente, sozinhas essa atividade, o apoio que tiveram dos órgãos públicos, ao contrário do que ocorreu em 2008, quando a Equipe acompanhou toda a organização do Encontro, foi na questão de infraestrutura para suas reuniões e demandas administrativas.

Foi um espaço de rica discussão política, atingiu seu principal objetivo: discutir as questões que atingem os assentamentos e acampamentos, com especial atenção às questões das mulheres.



Encontro de Mulheres – 2009 / Ilha Solteira
Foto: Douglas Mansur

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como mencionado na introdução deste trabalho, em nossa atuação junto às mulheres assentadas percebemos que elas tinham um enorme potencial organizativo com ideias propostas e propósitos e isso nos motivou, nos impulsionou para valorizar suas ações e incentivar sua participação visando efetivar políticas de igualdade de direitos e promover a participação equitativa nas decisões do lote. Diante dos resultados que as atividades proporcionaram, consideramos que a atuação da Equipe de Valorização da Cidadania da Mulher na Reforma Agrária, da Superintendência do INCRA-SP, teve um papel importante para impulsionar a organização das mulheres assentadas das regiões em que atuou.

Há muitas mulheres que participaram das atividades promovidas pela Equipe e que estão atuando em temas de interesse gerais do assentamento, ações que antes não participavam como, por exemplo, discussões sobre geração de renda, cooperativismo e formação. Em relação à formação, em alguns assentamentos as mulheres buscaram instituições como o SENAR – Serviço Nacional de Aprendizagem Rural , e até contato com mulheres de outros assentamentos, inclusive de outras regiões, para terem cursos em diversas áreas como, artesanato, doces, salgados, preparação de sementes, eletricidade, entre outros.

Elas se organizam para defender interesses comuns nas áreas de saúde, educação, juventude, infraestrutura. Para tanto participam de reuniões com prefeitos, secretários municipais e jovens do assentamento. E também integram comissões e conselhos nas regiões sobre diversos temas: criança e adolescente, saúde e educação.

Algumas mulheres já participavam do movimento social e outras apresentavam grande potencial de organização, nesse sentido a demanda já existia. Na verdade a Equipe, por meio de suas técnicas e dinâmicas, possibilitou a essas mulheres se apropriarem de uma força e de uma capacidade que já estavam com elas e que tiveram a oportunidade de reconhecer, que elas saíssem da invisibilidade e se tornassem protagonistas de uma história que elas também constroem no seu cotidiano.

A reforma agrária é realizada por mulheres e homens e ainda que em inúmeras situações a importância que elas têm para a conquista da terra, como assinalou Djacira Oliveira, não é suficiente para torná-las visíveis socialmente, no caso da região de

Andradina, por exemplo, para além dos eventos, cada vez mais elas estão presente no dia a dia do assentamento para torná-lo uma comunidade e participando de espaços públicos para reivindicar e conquistar seus direitos enquanto cidadãs.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros

DEERE, Carmen Diana. Os direitos da mulher à terra e os movimentos sociais rurais na reforma agrária brasileira. *In* Estudos Feministas. Florianópolis, janeiro-abril, 2004.

FARIA, Nalu e NOBRE, Miriam. Cadernos Sempreviva: Gênero e Desigualdade. SOF: São Paulo, 1997.

NOBRE, Miriam; SILIPRANDI, Emma; QUINTELA, Sandra; MENASCHE, Renata (orgs.). Cadernos Sempreviva: Gênero e Agricultura Família. SOF: São Paulo, 1998.

OLIVEIRA, Djacira. Da invisibilidade na memória das lutas sociais ao protagonismo histórico das mulheres no campo.

Boletins

Ações e programas do governo federal, 2010.

GRZYBOWSKI, Cândido. Mulheres e Agricultura Familiar. *Fêmea*, julho de 2001. p.9